

Questões a respeito da transmissibilidade da psicanálise

Sidnei Artur Goldberg*

RESUMO

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud estabeleceu os parâmetros que lhe pareciam essenciais para a formação de qualquer grupo, resumindo-os a dois laços emocionais: o amor ao Pai e a identificação aos irmãos. A possibilidade de algo diverso é a questão que move este texto. Também são abordados problemas institucionais no que se convencionou chamar a formação do psicanalista, contrapondo-se uma tendência freudiana a uma lacaniana em relação a estas questões. É sugerida uma aproximação com o anarquismo como forma de retomar e ampliar o debate.

Palavras chaves: psicanálise, grupo, formação, identificação, anarquismo.

ABSTRACT

In *Group psychology and the analysis of the ego*, Freud established the parameters which seemed essential to the formation of any group, summing them up into two emotional bonds: the love towards the Father and the identification towards siblings. The possibility of something different is the issue which rules this text. Institutional problems are also approached according to the so called psychoanalyst formation, opposing to a freudian trend and a lacanian related to these issues. A closer view to the anarchism is suggested as a way to retake and broaden the debate.

Key words: psychoanalyses, group, formation, identification, anarchism

Eu contra meu irmão;

Eu e meu irmão contra meu primo;

Eu, meu irmão e meu primo contra meu vizinho;

Eu, meu irmão, meu primo e meu vizinho contra o estrangeiro.

(Provérbio árabe)

Será possível construirmos algo diferente de igrejas e exércitos para nos agruparmos ?

Freud parecia acreditar que não. Assim fundou sua IPA, instituição que serviria para guardar e transmitir a *verdadeira* psicanálise – mas da qual ele já desde o início duvidava, fato dedutível do seu *comitê do anel*.

Lacan, por sua vez, depois de *excomungado* da Internacional, começou a tentar imputar à psicanálise a tarefa de inventar uma nova maneira de associacionismo, que tivesse em conta, e talvez até funcionasse, sob os princípios e efeitos da experiência analítica. Em português claro, a psicanálise poderia criar uma nova modalidade de grupo, inicialmente para os analistas – onde estes poderiam ter acolhida e desenvolvida aquilo a que chamamos sua formação.

A idéia parece proceder ao menos no campo lógico, isto é, se os analistas por definição, para assim poderem se reconhecer, tivessem que ter passado por uma experiência que lhes reduzisse o narcisismo ao mínimo e, ao mesmo tempo, através da dissolução da transferência no seu aspecto imaginário, não pudessem mais acreditar no gozo de um Outro ao qual pudessem dedicar seus esforços, amor e suposição de saber, seria então de se esperar que pudessem inventar uma nova forma de relacionamento e, até, de amor. (No plano da sexualidade, Lacan parecia não ter este tipo de esperança, visto que não fez mais do que se queixar do fato de a psicanálise não ter criado nenhuma forma nova de perversão).

Devemos reconhecer aí uma dose forte de *otimismo* lacaniano em oposição a um *pessimismo* freudiano, que, apesar de apontar exaustivamente todos os malefícios dos agrupamentos – em especial o emburrecimento de seus membros - em sua *Psicologia das massas*, não se atreveu a sonhar uma ultrapassagem desta pedra que lhe surgiu no caminho,

enquanto sabemos que Lacan pretendia inventar janelas para além dos rochedos.

Mas o que justifica falar em otimismo? Vejamos duas das missões que teria qualquer um que quisesse inventar uma nova forma de agrupamento. Em primeiro lugar, teria de inventar um novo Deus ou um novo Pai (conforme se adote aqui o ponto de vista lacaniano ou freudiano desta questão, que se resumiria da seguinte forma: Para Freud, Deus é Pai, no sentido em que descende deste, ao passo que, para Lacan, Pai é Deus) ou - e essa é, de fato, a única possibilidade para a psicanálise - criar um dispositivo em que algo distinto opere no lugar D'Ele. Preferencialmente, à imagem e semelhança do *setting* analítico que Lacan escreveu como fórmula no *discurso do psicanalista* – onde algo funciona, por desejo do dito analista, no lugar até então ocupado pelo Senhor.

Em segundo lugar, cuidar para que o amor e as identificações entre os membros de tal grupo não fossem fraternas. Lacan, seguindo Freud em *Totem e tabu*, afirma que a fraternidade é o resultado do *Pai morto*. Mais, afirma que a segregação funda a fraternidade, que é uma forma de estarmos *isolados juntos*. Portanto, se tivéssemos algo diverso ocupando este lugar paterno poderíamos esperar um resultado diferente de uma fratria.

A prática da psicanálise e sua conseqüente bateria de significantes foi uma invenção de Freud que atravessou e alterou os rumos da cultura. Se fosse possível então transpor as conseqüências do *discurso do psicanalista* para situações chamadas grupais, isto constituiria uma bela invenção.

Lacan fez essa tentativa. Depois de trabalhar anos com a topologia, a matemática, a lógica, questionando-se sobre o lugar de sustentação simbólica - do *cogito* cartesiano aos textos bíblicos –, criou seus artefatos: os cartéis, o passe e a experiência da revista *Scilicet*.

Tudo isto se passava dentro de sua Escola e pode-se dizer mesmo que era a base desta. É justamente neste ponto que havia um paradoxo. Se, por um lado, Lacan procurava todo o tempo — desde 1956 em *Situação da psicanálise e formação do psicanalista*, até sua *Proposição* de 1967 — uma forma alternativa de transmissão da psicanálise, tendo como frase epígrafe deste movimento: *o psicanalista só se autoriza por si mesmo*, por outro lado é nítida a dificuldade de Lacan em deixar de ocupar um lugar imperial, o que se refletia em seus alunos, que não abriam mão de lhe ser subservientes. Em

algum lugar, no período final de sua obra, ele diz algo como: *aqueles que me seguem são os que ainda me amam*, parecendo escarnecer de uma situação da qual não conseguiam se desvencilhar (talvez por isso Lacan apostasse tanto naqueles a que chamou de Lacanoamericanos). A experiência da revista *Scilicet* parece emblemática de tal paradoxo, onde todos deveriam escrever e não assinar seus textos. Todos, exceto Lacan.

Conhecemos o final desta história com a dissolução de sua Escola.

Mas, então, teria o fracasso prático desta experiência enterrado e esgotado essas propostas de Lacan ? Justamente não. Observamos efeitos poderosos que os restos desta experiência promovem até hoje em nosso meio.

Destaquemos apenas duas vertentes que derivam destes restos. Uma, mais óbvia, é a tendência compulsiva de mimetizar a experiência. São dúzias de agremiações psicanalíticas repetindo o passe e os cartéis nos mesmos exatos moldes. E, como sabemos, a repetição também busca repetir o fracasso... Outra vertente diz respeito ao que Eliane Nogueira do Vale, em seu livro *Os rumos da psicanálise no Brasil: um estudo sobre a transmissão psicanalítica*, chamou de psicanálise informal. Uma quantidade enorme de sujeitos que fazem sua formação nas análises, grupos de estudos, supervisões, ateliês, oficinas, reuniões clínicas, seminários e outras tantas produções, mas sempre tentando se manter à margem do gregarismo. Há momentos em que tentam se juntar de alguma forma, e aí surgem as cooperativas, os lacanoamericanos, as convergências, as interassociativas, os estados gerais, as reuniões... Em todas essas iniciativas, e tantas outras, está implícito o desejo de levar adiante algo da invenção lacaniana, que não se reduz à sua forma bourbarkiana, mas à essência de sua inspiração: no lugar do poder, algo como um buraco, funcionando como agente, a catapultar os desejos.

Um parêntese: os psicanalistas já se ocuparam bastante em cotejar a psicanálise com temas políticos: o marxismo, a democracia, o totalitarismo, a globalização. Mas há um que ficou, como um esqueleto no armário, o anarquismo. Pois, se há alguma idéia política que possui profundas afinidades eletivas com a psicanálise, é justamente o anarquismo.

Certamente não estou propondo que se confunda uma coisa com outra, psicanálise e anarquismo. Mas penso que uma aproximação entre as

duas, não só procurando as concordâncias, mas, claro, fazendo trabalhar as divergências, poderia ser um aporte de grande interesse para a psicanálise tendo em vista o princípio básico que a anarquia é a ordem sem hierarquia.

Esse é um ponto que deverá ser aprofundado em um próximo texto, mas apenas para que se possa ter uma idéia, lembremos que a psicanálise foi das primeiras manifestações no campo das ciências humanas a se caracterizar por ser anti-falocêntrica e anti-patriarcal (é absolutamente incrível que alguns afirmem o oposto disso), ao mesmo tempo em que reconhecia o retorno do falocentrismo e do patriarcalismo recalcados como pontos centrais das neuroses, ou seja, propriamente falando, os pontos a serem curados naqueles que a demandam. Essa cura destaca a dissolução da transferência como um dos pontos éticos centrais da psicanálise. Dito em termos lacanianos, trata-se de evitar a maior das canalhices: a de que qualquer semelhante possa ser confundido com o lugar do Outro, tomado como Outro. Canalhice que tem no plano político sua expressão máxima - mas de nenhuma forma a única - nos sistemas totalitários.

Para encerrar, transcrevo texto de Proudhon para que nos sirva de aperitivo:

A forma sob a qual os primeiros homens conceberam a ordem na sociedade é a forma patriarcal ou hierárquica(...) (...)A idéia governamental nasceu portanto de costumes de família e da experiência doméstica: nenhuma revolta se produziu então ,o governo então parecendo tão natural à sociedade quanto a subordinação entre o pai e seus filhos. Eis por que o filósofo reacionário De Bonald pôde dizer, com razão, que a família é o embrião do Estado, de que ela reproduz as categorias essenciais: o rei no pai, o ministro na mãe, o súdito no filho. É por isso também que os socialistas fraternitários, que tomam a família por elemento da sociedade, chegam todos à ditadura, a forma mais exagerada de governo(...)

Referências bibliográficas

FREUD, S. "Psicologia de grupo e a análise do ego." In: *Obras completas*, vol XVIII, E.S.B., Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____. "A história do movimento psicanalítico." In: *Obras completas*, vol XIV, E.S.B., Rio de Janeiro, Imago, 1974.

_____. "O futuro de uma ilusão." In: *Obras completas*, vol XXI, E.S.B., Rio de Janeiro, Imago, 1974.

GROSSKURTH, Phyllis. *O círculo secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1992.

LACAN, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola", *Revista Scilicet*, número 1, Seuil, Paris, 1968, p. 14-30, tradução mimeografada: Mary Kleinman.

_____. La lógica del fantasma, (seminário inédito)

_____. *O Seminário*, Livro 7: "A ética da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

_____. *O Seminário*, Livro 17: "O avesso da psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

_____. "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956". In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

VALE, Eliana Araújo Nogueira do. *Os rumos da psicanálise no Brasil: um estudo sobre a transmissão psicanalítica*, São Paulo, Ed. Escuta, 2003.

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas - volume 1*, Porto Alegre, L&PM, 2002.

* Sobre o autor: psicanalista, editor de *Textura*, revista de psicanálise. Co-autor de *Sobre o desejo masculino*, ed. Ágalma, 1995 e *Sexualidade feminina e masculina*, ed. Experimento, 1996. Exerce atividade clínica e de ensino em São Paulo e em São Bernardo do Campo. E-mail: sidgold@terra.com.br